

FICÇÃO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL: REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DA LITERATURA EM CURSOS DE ENSINO MÉDIO INTEGRADO AO TÉCNICO

Hudson MARQUES DA SILVA (1); Tatiana ALVES DE MELO VALÉRIO (2)

(1) IFPE, Av. Sebastião Rodrigues da Costa S/N, Belo Jardim-PE, e-mail: marqueshudson@hotmail.com

(2) IFPE, Av. Sebastião Rodrigues da Costa S/N, Belo Jardim-PE, e-mail: malu.tatiana@gmail.com

RESUMO

Por muitos anos, a formação profissional oferecida principalmente por Instituições Federais de Ensino Técnico – atualmente denominadas Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia – baseou-se em um saber pragmático-utilitarista a partir do qual o técnico era preparado apenas para a mera reprodução de práticas pré-determinadas pelo modelo vigente, as quais MARTINS (2000) caracterizou como um “fazer sem saber”. Em outras palavras, a formação técnica não tomava como base a reflexão (para a transformação histórico-social através de uma auto-conscientização) nem a criatividade (para a re-elaboração e criação de novos métodos). Nesse contexto, disciplinas de caráter mais reflexivo como filosofia, sociologia e, principalmente, disciplinas artísticas como arte, música e literatura foram menosprezadas por serem consideradas desnecessárias para a formação desse profissional. Tomando como base essas premissas, este trabalho objetiva discutir a relevância do ensino de literatura para a formação profissional. Trata-se de um trabalho teórico (pesquisa bibliográfica) que discute alguns pontos como: a formação profissional baseada na reflexão e transformação da sociedade; conceitos de literatura e seu ensino na Educação Básica brasileira e a utilidade do estudo de textos literários nos cursos de Ensino Médio Integrado ao Técnico dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia.

Palavras-chave: formação profissional, reflexão e transformação, criatividade, ensino de literatura.

1 INTRODUÇÃO

Desde a implantação das chamadas *Casas de Educandos e Artífices* (que originaram as Escolas Técnicas no Brasil), ainda em meados do século XIX, que a formação profissional brasileira parece ter se voltado à qualificação da mão-de-obra da classe trabalhadora (mais pobre) como uma espécie de adestramento semelhante ao da Pedagogia Tecnicista adotada durante o período ditatorial – a partir da década de 1960. Essa visão parte de um princípio comportamentalista em que o indivíduo reproduz (pela imitação) práticas pré-estabelecidas, sem reflexões que possibilitem mudanças significativas, sobretudo, perante a sociedade. Essa formação profissional era tida como um dos caminhos para o desenvolvimento do país, tendo em vista que, cada vez mais, tanto a industrialização quanto o modo de produção capitalista proliferavam-se ao redor do mundo.

Desse modo, resume-se que o Ensino Técnico brasileiro emergiu, historicamente, a partir de três aspectos centrais: do adestramento das classes mais pobres para o mundo do trabalho, das influências do modelo tecnicista americano em conjunto com a repressão vivenciada durante o regime militar e da visão capitalista caracterizada mais nitidamente pelo Decreto 2.208/97, o qual, para Martins (2000, p. 105), significou “[...] aceitar, no âmbito nacional, a submissão da classe subalterna à classe dominante e, no âmbito internacional, a submissão nacional aos ditames do capital internacional”. Uma das críticas a esse Decreto se dá pela sua promoção da separação entre formação geral e formação técnica, isto é, com esse decreto, competiria às Instituições Federais de Ensino Técnico apenas a formação para o mercado de trabalho, sendo desvinculadas do Ensino Médio, como ocorria até então no modelo concomitante.

Entretanto, essa integração entre formação geral e formação profissional foi reiterada pelo Decreto 5154/2004, o que veio para possibilitar um ensino voltado para uma formação profissional mais ampla, diferente da tradição comportamentalista e/ou do utilitarismo capitalista, pois “[...] diferentemente dos

outros animais, que se adaptam à realidade natural tendo a sua existência garantida naturalmente, o homem necessita produzir continuamente sua própria existência”. (SAVIANI, 1997, p. 15).

Nessa perspectiva de construção da própria existência, além da necessidade de um “educar para o pensar”, a fim de que haja transformações sociais, o que seria o nosso principal objetivo; o próprio capitalismo, com a globalização e a revolução tecnológica, tem exigido, cada vez mais, profissionais criativos, capazes de inovar de forma ousada.

Partindo dessa dialética (prática-utilitarista-estática-não-refletida *versus* prática-transformadora-criativa-refletida), este trabalho propõe reflexões sobre o papel da literatura, enquanto obra artístico-ficcional, para a formação do profissional em cursos de Ensino Médio Integrado ao Técnico oferecidos pelos Institutos Federais. Primeiramente, aborda-se a necessidade de uma formação profissional criativo-reflexiva. Em seguida, discute-se o ensino de literatura na Educação Básica brasileira. Por fim, defende-se o estudo da literatura como importante componente para a formação integral do profissional-técnico.

2 POR UMA FORMAÇÃO PROFISSIONAL CRIATIVO-REFLEXIVA

A principal problemática que norteia este trabalho consiste em pressupor que a tradição do ensino técnico brasileiro tem dado atenção especial, em grande parte, a formar profissionais meio que automatizados para um fazer não-refletido e, também, com uma concepção utilitarista da formação.

No que concerne à prática não-refletida, Martins (2000, p. 21) declara que esses profissionais “[...] se dedicam à simples técnica, ao simples fazer sem saber.”, princípio este que já deveria ter sido superado há muito tempo, pois o profissional ideal seria concebido como alguém capaz de modificar-inovar a sua prática, além de transformar a sociedade e construir sua própria história.

No entanto, a formação profissional parece não ter dado a devida importância a disciplinas tanto de caráter mais reflexivo como a filosofia, a sociologia quanto às de caráter mais criativo como arte, música e literatura. Por essa e outras razões,

Tal qualificação profissional do operário carece, porém, da formação pelo e para o saber, uma formação cultural que lhe possibilitaria decidir sobre seu destino histórico e o da sua produção, participando efetivamente das decisões que orientam a direção do coletivo social do qual participa; seria a formação do cidadão, a formação que possibilitaria coincidir governantes e governados. (MARTINS, 2000, p. 33-34)

O outro aspecto consiste na concepção utilitarista que o ensino profissionalizante tem reproduzido. Como ressalta Kosik (*apud* CARVALHO, 2006, p. 21), “a práxis utilitária imediata e o senso comum a ela correspondente colocam o homem em condições de orientar-se no mundo, de familiarizar-se com as coisas e manejá-las, mas não proporcionam a compreensão das coisas e da realidade”. E essa compreensão do mundo é um dos componentes da constituição do cidadão, devendo-nos lembrar de que, antes de ser um profissional, o ser humano precisa se tornar um cidadão e esse processo de formação cidadã também perpassa pelas instituições de ensino técnico. De acordo com Martins (2000, p. 41),

Essa visão do homem enquanto um sujeito que constrói a si mesmo e o mundo ao seu redor, entretanto, é obscurecida pelo modo de produção capitalista. Nele, o trabalho humano é desfigurado pela alienação, que fetichiza o produto e coisifica o produtor [...] Assim, o homem perde a possibilidade de entender todo o processo de constituição da história e de agir sobre ele.

Contudo, como citado anteriormente, o Decreto 5154/2004, que permitiu a continuidade da integração entre a formação geral e a formação profissional em Instituições Federais de Ensino Técnico, possibilita a superação dessa visão utilitarista capitalista, desde que isso seja objetivo do Projeto Político Pedagógico Institucional (PPPI). As disciplinas mais subjetivas, mas que proporcionam reflexão e criatividade, têm sua utilidade na formação do profissional. Em específico, destacamos a literatura – que será tratada nas seções subseqüentes – como importante componente para o processo de formação do cidadão profissional, mas que tem sido abandonada pelo modelo comportamentalista-utilitarista das práticas pedagógicas profissionalizantes usuais.

3 O ENSINO DE LITERATURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA

Antes de tratar do ensino de literatura nos cursos técnicos, deve-se destacar que a dificuldade em reconhecer essa disciplina como importante componente para a formação do cidadão encontra-se presente em todo o sistema educacional básico brasileiro. É fato que não existe, nem nos livros didáticos nem nos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), uma atenção especial ao estudo dos textos literários e suas especificidades. Gomes (2009) observa que:

Com o advento das sociedades pós-industriais, a partir da segunda metade do século XX, quando os usos da palavra escrita foram diversificados e redefinidos em função da implantação de novas tecnologias e quando os meios de comunicação audiovisual assumiram o papel de mediadores privilegiados dos bens culturais, a importância da leitura e da produção literária como práticas sociais vem sendo inegavelmente diminuída.

Isso significar dizer que, com advento de uma cultura visual (cinema, TV, computador etc.) e o uso da internet como principal meio de busca por informações, o estudo da literatura tem sido desconsiderado cada vez mais. A autora chama a atenção para o fato de que “No ensino fundamental, a literatura inexiste como conteúdo disciplinar, mesmo que guias curriculares e livros didáticos façam referências assistemáticas a ela.” (GOMES, 2009), e que há uma fusão entre o estudo da literatura e de outros gêneros textuais, sem a devida distinção didática entre ambos nos PCN de língua portuguesa para o terceiro e quarto ciclos.

Para o Ensino Médio, a autora sublinha que

[...] o papel da literatura é menos destacado ainda, embora haja a recomendação de que “o ensino médio dê especial atenção à formação de leitores, inclusive das obras clássicas de nossa literatura” (2002: 68). No texto, os estudos literários se diluem nos estudos da linguagem e os gêneros literários merecem referências apenas como uma prática discursiva entre outras. (GOMES, 2009)

Com essas observações, compreende-se que na Educação Básica brasileira, desde a educação infantil até o Ensino Médio, inexiste um sistema didático-curricular articulado que possibilite o estudo adequado dos gêneros literários, sobretudo das obras clássicas da literatura brasileira. De fato, o que ocorre é que as práticas de ensino de literatura na escola, durante muito tempo, focou uma abordagem meramente biográfico-histórica, em que se decoravam datas (de nascimento-morte de autores, publicações, viagens etc.), títulos das obras, locais de nascimento-morte, dentre outros aspectos que não caracterizam o estudo dos textos literários – que são as próprias obras.

Primeiramente, deve-se observar que a literatura, mesmo que possa ser verossímil (parecida com a realidade), consiste em obra ficcional, ou seja, não se trata de história, embora possa representá-la. Enquanto ficção e obra artística, antes de tudo, a leitura de textos literários se dá por prazer. Em um segundo momento, concordamos com Azevedo (*apud* GOMES, 2009) ao afirmar que não é “possível falar a sério a respeito de educação sem que haja acesso, compreensão e familiaridade com textos poéticos e subjetivos”. A questão é como trazer esses textos para a realidade dos jovens estudantes atuais de modo que haja identificação, significado, reflexão, transformação. Não apenas para o aperfeiçoamento de leitores, mas, também, para uma autorreflexão (veja próxima seção), valorização e preservação de um patrimônio cultural.

4 A UTILIDADE DA LITERATURA PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Se forem verdadeiras as questões observadas nas seções anteriores, segundo as quais, de um lado, a formação técnica no Brasil tem focalizado, muitas vezes, um “fazer sem saber”, com objetivos meramente utilitaristas, sem dar o devido valor à reflexão e à criatividade, e, do outro, a inexistência de uma dedicação especial ao estudo de textos literários na Educação Básica brasileira; como fica a situação do ensino de literatura em cursos de Ensino Médio Integrado ao Técnico (neste caso, oferecidos pelos Institutos Federais)? Naturalmente, o problema é duplicado.

Nos cursos técnicos integrados, o Ensino Médio, que compõe a formação geral, é tido apenas como um instrumento de apoio às disciplinas técnicas, complementando-as e, certamente, não dando o devido lugar à literatura, pois qual a utilidade que essa disciplina ofereceria ao profissional? Quando se fala em *utilidade*, isso não implica dizer que o resultado deva ser imediato ou palpável. Por exemplo, qual a utilidade da filosofia, uma área que só explora a reflexão? Porém, essa reflexão tem sua utilidade, que, na maioria das

vezes, é mais importante que a própria prática, pois esta é construída ou modificada a partir daquela. Nesse sentido, a analogia mantém-se para a literatura.

A utilidade do estudo de textos literários pode não ser imediatista ou utilitarista, no entanto, pode oferecer, além do prazer, uma capacidade de questionamento e criatividade indispensáveis à constituição do cidadão. Não se está afirmando aqui que os textos literários constituem a realidade em si, uma vez que, como dito anteriormente, a literatura aqui tratada é ficcional. Como declarou Vigotski (*apud* BRAGA, 2006, p. 4), “[...] quando se estuda a sociedade conforme as imagens literárias, sempre se assimilam formas falsas e distorcidas, porque a obra de arte nunca reflete a realidade em toda a sua plenitude e em toda a sua verdade”. Neste caso, trata-se de textos literários mais realistas em que há a verossimilhança (semelhança com a realidade), pois há também outros textos que fogem completamente da realidade como é o caso da literatura fantástica. Lembremo-nos de que a arte não possui compromisso com a realidade.

No que se refere à utilidade da literatura, um primeiro aspecto é encará-la como:

[...] um objeto estético que poderia nos tornar ‘pessoas melhores’ está ligada a uma certa ideia do sujeito, à qual os teóricos têm chamado de ‘o sujeito liberal’, o indivíduo definido não por uma situação social e interesses mas por uma subjetividade individual (racionalidade e moralidade) concebida como essencialmente livre de determinantes sociais”. (CULLER, 2000, p. 37, tradução nossa)¹

Culler chamou a literatura de *objeto estético*. De fato, os textos literários apresentam uma estética – através de sua estilística – que os diferencia de outros textos. Essa é uma das nuances que faz da literatura arte. Desse modo, uma das primeiras tarefas no estudo da literatura é compreender as especificidades dessa estética – seja na literatura dramática, narrativa ou poética.

Mas a literatura não é apenas um objeto estético. Ela apresenta conteúdos, proporciona reflexão e “[...] engajando a mente em questões éticas, induzindo os leitores a analisarem a conduta (incluindo sua própria) como uma estranha ou como um leitor de romances a analisaria”. (CULLER, 2000, p. 37, tradução nossa)² Embora a literatura seja ficção, ela possui sua *diegese* (uma realidade), que traz todas as problemáticas existentes na vida humana, seja de forma trágica ou cômica, e isso pode promover a auto-conscientização.

Em um modelo de sociedade em que os poderosos não almejam intervenções populares, como foi o caso do regime militar e também no modo capitalista, em que a desigualdade-injustiça social impera; uma disciplina como a literatura talvez não seja viável, tendo em vista que “[...] a literatura é o veículo da ideologia e que a literatura é um instrumento para desfazê-la”. (CULLER, 2000, p. 38, tradução nossa)³ Durante o regime militar brasileiro foram muitos os casos de censuras contra artistas cujas letras de canções, peças teatrais ou livros fornecessem qualquer indício de reflexão ou críticas ao governo. Esses artistas foram torturados, exilados ou mortos. Culler (2000, p. 39, tradução nossa)⁴ afirma que “[...] a literatura tem sido vista historicamente como perigosa: ela promove o questionamento da autoridade e de regimes sociais”.

A respeito desses questionamentos e reflexões que a literatura pode proporcionar, os quais, *a priori*, podem ser considerados inofensivos, é importante lembrar que “Historicamente, os trabalhos de literatura são creditados com a produção de mudança: *A Cabana do Pai Tomás* de Harriet Beecher Stowe, que foi um best-seller, ajudou a criar uma repulsa contra a escravidão que possibilitou a Guerra Civil Americana”. (CULLER, 2000, p. 39, tradução nossa)⁵

¹ Original: “[...] an aesthetic object that could make us ‘better people’ is linked to a certain idea of the subject, to what theorists have come to call ‘the liberal subject’, the individual defined not by a social situation and interests but by an individual subjectivity (rationality and morality) conceived as essentially free of social determinants”. (CULLER, 2000, p. 37)

² Original: “[...] engaging the mind in ethical issues, inducing readers to examine conduct (including their own) as an outsider or a reader of novels would”. (CULLER, 2000, p. 37)

³ Original: “[...] literature is the vehicle of ideology and that literature is an instrument for its undoing”. (CULLER, 2000, p. 38)

⁴ Original: “[...] literature has historically been seen as dangerous: it promotes the questioning of authority and social arrangements”. (CULLER, 2000, p. 39)

⁵ Original: “Historically, works of literature are credited with producing change: Harriet Beecher Stowe’s *Uncle Tom’s Cabin*, a best-seller in its day, helped create a revulsion against slavery that made possible the American Civil War”. (CULLER, 2000, p. 39)

Por fim, assim como a música, a dança, a pintura, a escultura, entre outras formas de manifestação artística, a literatura promove admiração, lazer, alegria, tristeza e vários outros sentimentos que nos tornam humanos. “[...] A arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo. Mas a arte também é necessária em virtude da magia que lhe é inerente”. (FISCHER *apud* SENA, 2006) Esses dois aspectos da utilidade da literatura podem ser resumidos pelas palavras de Sena (2006):

1) a Função Cognitiva da literatura, vista como uma forma de conhecimento, um elemento revelador da verdade psicológica dos seres ou da verdade oculta sob a aparência das relações humanas; e 2) a Função Lúdica, que surge no momento em que a literatura é vista como um microcosmo, como um valor em si, espécie de jogo, realidade específica, sem finalidade prática e destinada apenas a dar prazer, despertar emoções, distrair, alegrar, comover, etc.

Esses elementos também devem compor o Ensino Médio Integrado ao Técnico, pois o indivíduo precisa se tornar cidadão, conhecer a arte, e justamente através dela poder desenvolver sua capacidade de questionamento, reflexão, criatividade, dentre outros aspectos que podem melhorar sua atuação profissional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho tratou de uma pesquisa teórica sobre a relevância do estudo de textos literários para a formação profissional em cursos de Ensino Médio Integrado ao Técnico dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia brasileiros.

Partiu-se do pressuposto que o ensino técnico no Brasil sempre tendeu a formar profissionais preparados apenas para a repetição de práticas pré-estabelecidas pelo modelo vigente sem uma autorreflexão a fim de que ocorressem mudanças sociais e/ou de si, bem como uma visão utilitarista da formação em que o seu principal objetivo seria produzir resultados imediatos e materiais.

O ensino da literatura na Educação Básica brasileira, por sua vez, não tem encontrado o seu devido reconhecimento. Não há atenção especial para essa disciplina nos livros didáticos ou nos PCN, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Outro fator é que com a cultura audiovisual e o uso das novas tecnologias, a literatura tornou-se, cada vez mais, diminuída.

Portanto, pode-se concluir que a literatura nos cursos de Ensino Médio Integrado ao Técnico tem sido abandonada tanto pelas características de formação comportamentalista-utilitarista desses profissionais quanto pela dificuldade no próprio sistema educacional básico brasileiro. Todavia, defendemos que os profissionais-técnicos precisam ser capazes de mudar a sociedade, os métodos, a história etc., por meio de questionamentos, reflexões, criatividade, entre outros aspectos que o estudo da literatura pode incitar. Antes de ser um profissional, o técnico deve se tornar cidadão e o estudo da literatura faz parte desse processo.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Marlene Araújo de. A prática docente: subsídios para uma análise crítica. In: MENDES SOBRINHO, José Augusto de Carvalho; _____. (Orgs.) **Formação de professores e práticas docentes: olhares contemporâneos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

CULLER, Jonathan. **Literary theory: a very short introduction**. Oxford University Press, 2000.

GOMES, Inara Ribeiro. **(In)certos discursos sobre a leitura literária**. In: Anais do 17º Congresso de Leitura do Brasil. Unicamp, 2009. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais17/txtcompletos/sem04/COLE_3874.pdf> Acesso em: 15 de jul de 2010.

MARTINS, Marcos Francisco. **Ensino técnico e globalização: cidadania ou submissão?** Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 6. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

SENA, Nicodemos. **A função da literatura em face da ética e as novas tecnologias**. 2006. Disponível em: <<http://www.kplus.com.br/materia.asp?co=323&rv=Literatura>> Acesso em: 15 de Jul de 2010.